

Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas

de: Feizi Masrour Milani e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus (Orgs.).
Salvador: INPAZ, 2003. 356 p. ISBN 85-86268-32-1

O Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos (INPAZ), uma organização da sociedade civil preocupada em “*promover a educação para a paz, os direitos humanos e os valores éticos universais*”, lançou o livro *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*, na intenção de promover a paz de forma permanente e sistêmica. Trata-se de uma coletânea que, em alguns momentos, esboça mapas do panorama social e sugere possíveis trajetórias para transformar idéias em ações; em outros, propõe estratégias bem-sucedidas para a inesgotável conquista do ideal da paz; e, ainda, oferece bússolas, ao expor os princípios norteadores da construção de uma escola e sociedade justas e solidárias.

O livro apresenta um conjunto de 12 textos atuais, pertinentes e socialmente comprometidos, que revelam as preocupações e atuações diretas de pessoas que tratam da educação e da promoção da cultura de paz em um contexto que articula reflexão teórica e prática cotidianas, que vão desde esforços para traçar o histórico da temática, sua conceituação, objetivos e metodologias, passando pelo papel da educação na promoção da cidadania, a relevância dos valores éticos e morais, e do enfoque nas diferentes culturas, o respeito às diferenças no processo educativo, na formação de professores e na seleção dos conteúdos escolares, indo até o planejamento das ações nas escolas, através dos projetos de educação para a paz.

Como afirmam seus organizadores, Feizi Milani e Rita de Jesus, “os dados, análises, exemplos, argumentos e conclusões apresentados nas páginas a seguir, respondem a um desafio e formulam um convite em última análise. Desafio de compreender a Cultura de Paz em sua complexidade, não cedendo a simplificações exageradas e lugares-comuns e, ao mesmo tempo, não desenhando como algo tão grandioso e complicado que o leitor se sinta impotente para agir e contribuir” (p. 21).

A Assembléia Geral da ONU declarou o período entre 2001 e 2010 como *Década Internacional pela Cultura de Paz e Não-Violência em Benefício das Crianças do Mundo*, mas como podemos definir a Cultura de Paz, se vivemos em um mundo que nos parece cada dia mais violento?

O conceito de cultura de paz se desenvolveu na última década pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), baseado na constatação de que as guerras são seguidas pela assinatura de acordos

de paz que não se estabelecem. Os acordos têm sido insuficientes para evitar novos conflitos e servem apenas como intervalo entre guerras. Isso porque a cultura de violência, a identificação de inimigo e outros fatores que desencadeiam as guerras continuam a existir. O conceito de Cultura de Paz é recente e encontra-se em construção, o que não quer dizer que não possamos realizar ações em prol da Cultura de Paz, que é um processo, um aprendizado e uma meta.

A cultura do nosso tempo está marcada por um espírito extremamente competitivo, que favorece os sentimentos agressivos que excitam a rivalidade, mas que converte em tabu a agressividade humana. Como efeito, condenamos os fatos violentos, freqüentes nos meios de comunicação, especialmente na televisão, mas, em realidade, o que não existe é a promoção da cultura da paz nem nos meios de comunicação, nem nas escolas, nem mesmo nas nossas relações cotidianas.

Igual ao que acontece com o conceito de violência, na atualidade, tanto na sociedade, em geral, como no sistema educativo, em particular, predomina a concepção tradicional de **conflito** derivada da ideologia tecnocrática-conservadora, que o associa com algo negativo, não desejável, sinônimo de violência, disfunção ou patologia e, em consequência, algo que é necessário corrigir, e, sobretudo, evitar. Prevalece, assim, uma concepção negativa do conflito.

No âmbito escolar, o conflito se configura numa perspectiva negativa; a partir de opções ideológico-científicas, tecnocrático-positivistas, nas quais o conflito se apresenta como uma perturbação da ordem. Todas as instituições, e a escola não é uma exceção, caracterizam-se por viver diversos tipos de conflitos, de distintas índoles e de diferentes intensidades.

É preciso, então, desenvolver uma visão alternativa, fundamentada na educação para a paz. Entendemos o conflito como um tipo de situação em que as pessoas ou grupos sociais buscam ou percebem metas opostas, afirmam valores antagônicos ou têm interesses divergentes; ou seja, o conflito é em essência um fenômeno de incompatibilidade, de choques de interesses entre pessoas e grupos.

Entretanto, existem situações em que o conflito não é gerado por causas objetivas – interesses ideológicos, econômicos, educativos, tecnológicos – senão por um problema de percepção ou má comunicação, fundamentalmente, tanto na gênese do conflito e/ou desenvolvimento do conflito, como nas propostas de resolução. A percepção é tão importante que, às vezes, o conflito passa a ser real devido a falsas percepções, os “ruídos” ou “interferências” na comunicação. Nossa incapacidade de olhar a partir da perspectiva do outro pode precipitar o surgimento de um conflito real.

A educação para a paz implica uma nova concepção da experiência escolar e familiar e do papel da própria escola/família. A articulação de seus conceitos, métodos, estratégias e objetivos é complexa e ambiciosa: inclui dimensões ecológicas, históricas, culturais, sociais, políticas e econômicas da realidade e a construção de uma sociedade baseada em princípios éticos e de solidariedade. A proposta de educação para a paz precisa de muito mais do que boa vontade, conhecimento e disposição de recursos dos educadores. Vivemos em um só mundo, desigual, injusto e diverso, em que temos que fazer frente aos problemas de espécie (esgotamento dos recursos naturais, poluição ambiental, extinção da vida de várias espécies animais e vegetais, risco de holocausto atômico), às relações de dependência geradas por formas de desigualdade (de classe, gênero, étnica, racial) e à vulnerabilidade dos direitos econômicos, sociais e políticos de muitos povos e habitantes do planeta.

Educar para a paz supõe educar para a mudança social, supõe considerar a utopia como o motor da história. Concebemos a educação para a paz como um processo educativo contínuo e permanente. O presente livro *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*, traz um conhecimento socialmente engajado, moralmente responsável e direcionado à ação. Ora com cunho filosófico, ora inquisidor e persuasivo, noutras oportunidades com caráter pedagógico e didático; todos, breves ou mais extensos e detidos em reflexões, compõem um olhar caleidoscópico que permite analisar a Cultura de Paz de forma aprofundada, tendo o leitor como parceiro dessa construção.

Esse livro não se destina à venda. Ele será enviado exclusivamente a universidades, bibliotecas e secretarias de educação, assim como ONG's, pesquisadores acadêmicos e escolas que trabalhem com essa temática. Os interessados em receber a publicação podem se cadastrar no *site* www.inpaz.org.br

Apresentação de Rosângela Azevedo Corrêa, co-autora do livro,
Historiadora, Mestre e Doutora em Antropologia Social,
Professora no Departamento de Teorias e Fundamentos
da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: roscorrea@bol.com.br